

## a ação direta contra o insuportável

EDSON PASSETTI

Francis Dupuis-Déri. *Black Blocs*. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo, Veneta, 2014, 261 pp.

O cientista político canadense Francis Dupuis-Déri acompanha a tática *black bloc* por dentro dela e de modo sistemático desde a emergência da luta antiglobalização. Seu livro, publicado em 2003, e depois em novas edições nos anos de 2005 e 2007, chega agora em português, após acréscimos e complementações decorrentes dos protestos que se avolumaram a partir de 2010.

Ao final da atual edição, Dupuis-Déri revê a conclusão que redigira para a versão francesa de 2007, quando considerou que a tática *black bloc* deixava de ser tão relevante quanto fora em anos anteriores. Diante das manifestações contra o G20 em Toronto em 2010, das greves estudantis no Quebec em 2012, da situação convulsiva da Grécia e, como informa no primeiro capítulo, das *jornadas de junho de 2013* no Brasil, retifica sua precipitação e afirma que o “*black bloc* talvez seja ‘uma imagem do futuro’” (p. 223).

Ao leitor interessado na prática libertária e na análise realizada no decorrer do acontecimento, vivendo em seus interiores as mais variadas manifestações, Dupuis-Déri situa as condições de emergência da tática *black bloc*,

*Edson Passetti é coordenador do Nu-Sol e do Projeto Temático FAPESP Ecopolítica; professor livre-docente no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: passetti@matrix.com.br.*

suas distinções do *white bloc*, do *red block* e do *pink bloc*. Estabelece a aparição da expressão *vândalos* na mídia, indica que o maior número de agitadores se encontra na Alemanha, mostra as eventuais relações com grupos de afinidades, assim como o crescimento das polícias, armando-se cada vez mais contra estes contestadores. Sublinha que *black bloc* é uma tática que surge de modo espontâneo, em Seattle, Toronto, Quebec, Berlim, na Palestina, no Egito, na Grécia, no Brasil...

Para o autor, *os black blocs* “chamaram a atenção especial por se constituírem como um grupo político distinto, em parte graças a seu visual único, mas também porque foram associados de forma relativamente indiscriminada à anarquia e à irracionalidade destruidora” (p. 18). *Black bloc* também é sinônimo de *keffiyeh* na Palestina; *koukouloforo* na Grécia. Para a polícia inglesa, são *hooligans*, por ela também relacionados a anarquistas e bandidos; segundo o jornal Berlin Kurier, durante os protestos de 1º de maio de 2012, não passam de “arruaceiros idiotas”; qualquer nota na mídia brasileira não se acanha em considerar *os black blocs* (jovens na sua maioria) como “criminosos”. Estas vozes compõem o coro que inclui desde o ATTAC – Susan George, vice-presidente da ATTAC-France protestou: “alguns idiotas incontroláveis nos fizeram passar por anticapitalistas simplórios e antieuropeus violentos” (p. 161) – até a extrema esquerda que os definem como anarquistas com a “insensatez infantil” (p. 30).

Sob as variadas designações, são vistos pela mídia e pela polícia como ameaça à segurança, e por isso mesmo, tidos como *vândalos* – expressão sacramentada pelos analistas, repórteres, editores, acadêmicos, líderes institucionais de movimentos... Quando é necessário para

ventilar o ar democrático conveniente, a mídia se dedica a publicar algumas palavras coletadas entre os *black blocs* em ação. Enfim, estes praticantes da ação direta foram arbitrariamente deportados da racionalidade política porque declaradamente *não representam ninguém*.

O autor se propõe a levar o leitor às origens, analisar as ações, mostrar os resultados de suas entrevistas e pesquisas para afirmar que dessa maneira “poderemos compreender melhor o impacto político da crítica veemente constante que os Black Blocs sofrem, especialmente as formas como essas críticas estimulam a legitimidade das elites políticas e sociais em detrimentos dos manifestantes anticapitalistas e antiautoritários, o que estimula a repressão policial” (p. 32).

Dividido em capítulos com objetivos claros e exposição consistente, Dupuis-Déri abre o livro com pergunta “quem tem medo dos Black Blocs?”, capítulo que atualiza a edição anterior, e nos remete a “De onde vêm os Black Blocs?”; “Violência política”; “As origens da raiva contra o sistema!”; “Críticas aos Black Blocs: fogo amigo?”; “Conclusão” e “Sugestões de leitura”. Trata-se de um livro de leitura a palo seco; um livro para se ler junto.

Os manifestantes confrontadores vão das *suffragettes* inglesas do começo do século XX aos *katangais* de 68 com seus capacetes e bastões; dos *wathermen* dos “days of rage”, em 1969, em Chicago, às SCALP (*Sections Carrément Anti-Le Pen*), até os *autonomen* alemães, dinamarqueses e noruegueses. Sabe-se que foi no 1º de maio de 1980, em Frankfurt, que a mobilização anarquista chamou as pessoas para se juntarem ao *black bloc* (ao *Schwarzer Block* ou também conhecidos como *Blocos Autônomos*). A cultura *black bloc* se expandiu nos anos 1990 por meio da

contracultura punk, das esquerdas radicais via fanzines, bandas musicais e contatos pessoais, até ganharem projeção internacional com as batalhas de Seattle em 1999, consolidando uma prática fundada nas relações horizontalizadas de liberdade e igualdade. Eles não são desinformados, nem inexperientes.

Os contatos violentos não são próprios dos anarquistas e da tática *black bloc*. Dupuis-Déri lembra que para a consolidação do liberalismo, do marxismo, do fascismo e do cristianismo, muitos assassinatos regulares aconteceram, enquanto nem todo anarquismo é por si só violento: a violência anarquista é menos letal que a do Estado. Os chamados “heróis da liberdade” liberal não deixaram de praticar ações diretas violentas para alcançar sua finalidade, o Estado, enquanto os anarquistas “podem falar ou sonhar sobre a ‘revolução’, mas não estão se preparando para uma” (p. 90). Não porque estejam fracos, como supõe o autor, mas simplesmente porque o anarquista não planifica a revolução.

Não há como discordar quando Dupuis-Déri mostra que as lideranças reformistas dos movimentos institucionalizáveis se beneficiam da prática *black bloc* para obterem espaço entre as elites e proporcionarem novas negociações para os problemas escancarados durante as contestações. A seu modo, os *black blocs* exercitam singularidades nas manifestações coletivas, protegendo as diferentes ações de ruas e se voltando para o confronto exclusivamente com a violência institucionalizada. São revoltados; não são programadores revolucionários.

Em “As origens da raiva contra o sistema”, o autor, que também é pesquisador que acompanha os movimentos feministas e suas relações com os anarquismos, apresenta

uma sistematização breve e direta sobre a emoção, a economia e a política anarquista para, no capítulo seguinte, discutir a crítica mais comum proferida pelas esquerdas aos *black blocs*, “acusados especificamente de fetichizar a violência; praticar uma forma de ação sexista que favorece homens e exclui as mulheres; e, por último, antagonizar a classe trabalhadora e tirar a atenção das exigências legítimas de grandes movimentos sociais não violentos” (p. 141). Nada mais nada menos, diríamos, que uma arenga eloquente.

A crítica ao sexismo (que não é “privilégio” de anarquistas) é levada adiante por mulheres corajosas que se recusam à divisão sexual de tarefas, ainda mais quando se constata que elas são maioria no *black bloc* em lugares onde o feminismo radical é mais atuante, como na Alemanha e no Quebec. Mesmo que a prática *black bloc* dissolva identidades no acontecimento, há algo que se passa em seu interior que carece de uma sutileza feminina na ação direta ainda não atingida. Mas, mesmo assim, Starhawk, eco-feminista estadunidense declarou: “Eu gosto do Black Bloc [...] Normalmente, acho que quebrar janelas e lutar contra policiais é contraprodutivo, mas os participantes do Black Bloc são meus companheiros e aliados nessa luta e [...] precisamos de espaço neste movimento para a raiva, a impaciência, o fervor militante” (p. 168).

Deve-se estar atento para os turistas *black blocs* (os que entram e saem rapidamente assim que há o primeiro sinal de confusão) e refletir com as palavras escritas no prefácio do *Black Bloc Papers* (Disponível em: <http://www.infoshop.org/amp/bgp/BlackBlockPapers2.pdf>): “não estou dizendo que o bloco vai acabar com os problemas do mundo. Mas tenho certeza de que é saudável confrontar fisicamente

autoridades que sustentam fisicamente um sistema pode e lembrar o resto da população de que dá para fazer essas coisas” (p. 145).

As críticas da ordem visam os estudantes para não se deixarem levar pela tática *black bloc* e os palatáveis e *legítimos* movimentos sociais da sociedade civil para evitarem os *baderneiros*, classificados como sujeitos *sem motivações políticas*, e a prosseguirem com suas passeatas amistosas. Dupuis-Déri alerta para a crescente consolidação de uma “política da paz” composta pelos porta-vozes de movimentos progressistas, conectando-se a políticos e elites, submetendo-se a serem esquadrihados para desfiles e funcionando, diremos, como pastores do rebanho que segue os acordos negociados previamente.

Que entre os *black blocs* estão ou pretendem estar policiais infiltrados, provocadores, nazistas transvestidos de preto, não há novidade alguma. A inovação decorre das medidas de prisões preventivas antes das grandes mobilizações e do aumento do aparato de contenção policial violento cada vez mais sofisticado e enriquecido para combater o novo *terrorista*. “Ao longo dos anos, agências de inteligência e a polícia, assim como alguns acadêmicos, conseguiram construir publicamente a imagem do ‘anarquista criminoso’ como uma ameaça à segurança pública ou – pior – um prototerrorista, quando não um verdadeiro terrorista” (p. 205). A paranoia atingiu seu esplendor quando o chefe do departamento de política na Universidade de Exeter, na Escócia, igualou anarquistas e Al-Qaeda, depois das bombas em Londres em junho de 2005. Ainda que burra, científica ou singelamente ignorante, a identidade surtiu efeito, dentro e fora dos muros das universidades. No compasso das mídias se constrói o espetáculo dos *muito*

*bem enganados* que se deleitam quando se noticia que “os defensores da autoridade e da hierarquia, da lei e da ordem, continuam tendo controle agora e sempre” (p. 221).

*Black bloc* aglutina feminismo, ecologistas, minorias potentes diversas em uma tática destemida e capaz de deixar as senhoras de penteados escovados com os cabelos em pé, senhores bem trajados roendo suas gravatas, e jovens envelhecidos ou somente embolorados disponíveis a tomar sol, provar do fogo e iluminarem-se com um molotov. Estão no combate pela produção de verdades.

Com livros como este (e muitos outros indicados pelo autor), visitas a sites pela internet espionada – que as doçuras da ordem chamam de livre e democrática, com ou sem marco civil, com o puritano “filho da internet” Edward Snowden –; diante do projeto de lei de segurança nacional 499/2013; dos encontros radicalizadores em manifestações; da salutar mistura com demais movimentos que recusam ser capturados, é que o exercício analítico a cada evento deste surpreendente insuportável atizado pela tática *black bloc* nas *jornadas de junho de 2013* dissolve o velho, cansado e caquético *sujeito histórico*... É assim, também, que as coisas no Brasil vão!